

Nota prévia sobre direitos de autor: O presente documento é uma versão PDF disponibilizada no endereço <http://sweet.ua.pt/~f711/> do documento publicado segundo a referência abaixo indicada. Este documento pode ser acedido, descarregado e impresso, desde que para uso não comercial e mantendo a referência da sua origem.

NUNES, Ana Margarida; COIMBRA, Rosa Lúcia – “Um Estudo da Amálgama e do seu Valor Metafórico em Mia Couto”. In: CANO LÓPEZ, Pablo (coord.), Actas del VI Congreso de Lingüística General. Vol. 2 Tomo 1, Madrid: Arco Libros (ISBN 84-7635-671-5), 2007, pp. 1465-1474.

# UM ESTUDO DA AMÁLGAMA E DO SEU VALOR METAFÓRICO EM MIA COUTO

ANA MARGARIDA BELÉM NUNES

ROSA LÍDIA COIMBRA

*Centro de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro (Portugal)*

## 1. INTRODUÇÃO

Na sua obra, o escritor moçambicano Mia Couto consegue despertar os vários sentidos do leitor, não só pela descoberta da cultura muito própria de um povo, mas também pela estranheza que a sua inusitada forma de escrita provoca, mesmo não causando qualquer impedimento à leitura e compreensão do texto.

O corpus em análise neste trabalho abrange as obras publicadas por Mia Couto de 1998 a 2002. Foram analisadas as novelas *Mar me quer* e *Vinte e Zinco*, o romance *O Último Voo do Flamingo* e o livro de contos *Na Berma de Nenhuma Estrada*. O que nos propomos apresentar é, após exaustivo levantamento das ocorrências<sup>1</sup>, a desconstrução das palavras criadas pelo processo de amálgama morfológica, identificando os vocábulos de partida e a análise de componentes metafóricos. Pretendemos também mostrar como, através desta forma original de concatenação de segmentos, se contribui para um processo de concentração semântica. Percebemos que a riqueza criativa destes vocábulos “brincriados” consegue condensar vários sentidos e reenviar para outras realidades, ganhando um forte valor expressivo e figurado.

Mostrando-se um profundo conhecedor das regras da Língua Portuguesa, Mia Couto brinca com a Língua e cria novas palavras dentro de um sistema já existente. Como ele próprio afirma, “cada um tem a sua [lusofonia] e tem que ser capaz de a inventar e de a aumentar a seu modo”<sup>2</sup> pelo que “uma das maiores ambições num escritor é corromper a Língua. Para isso, primeiro é preciso saber gramática, a segunda coisa, saber esquecê-la”<sup>3</sup>.

## 2. FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR AMÁLGAMA

Seguindo a terminologia de Maria Helena Mira Mateus (1990: 415), a amálgama não é considerada um processo clássico de formação de palavras, mas contribui para a invenção de novos vocábulos e significados da Língua. Tal como a acronímia, a abreviatura, o empréstimo ou a extensão metafórica, a amálgama resulta de alterações sobre palavras existentes num processo de criação lexical. Nestes casos, as combinações são aleatórias no sentido em que “não é possível predizer as condições em que surgem, nem a forma que tomam, nem o significado que adquirem” (Mateus et al. 1990: 414-415).

A amálgama pode resultar da combinação de palavras de diferentes classes gramaticais e de diversas formas de sequências originando-se a partir da “sobreposição

---

<sup>1</sup> Sobre uma recolha mais ampla, focando todos os processos de formação, ver Nunes 2002.

<sup>2</sup> Entrevista a Mia Couto por Maria João Seixas (*Publica*, 02-01-2000).

<sup>3</sup> José Cardoso Pires, in *Jornal Semanário*, 27-12-1997 (apud Cavacas 1999).

de sílabas homófonas em fronteira de palavra (...) ou do truncamento numa ou em ambas as palavras. Neste caso, pode aparecer truncada uma sequência mais ou menos longa no final da primeira palavra (...), ou em ambas. De um modo geral, os segmentos truncados não são sufixos, nem prefixos, nem radicais, isto é, não são unidades morfológicamente reconhecíveis” (Gaspar 1994).

Verificamos estas diversas possibilidades combinatórias nas palavras que constituem o nosso *corpus* de análise. Atente-se no caso de palavras tão criativas e originais como: *agradádiva* (agradável + dádiva) em que houve um truncamento da última sílaba da primeira palavra, acompanhado da sobreposição de sílabas homófonas em fronteira; *miaudível* (miau + audível), caso em que surge uma sobreposição de sílabas homófonas em fronteira de palavra, ou, ainda, *arrumário* (arrumar + armário) exemplo de truncamento em ambos os constituintes. Nestes exemplos, percebem-se diversos sentidos, respectivamente, uma dádiva que é agradável, um miau que se ouve, um armário que serve para arrumar coisas. Ou seja, à fusão morfológica corresponde, nestes vocábulos, uma condensação semântica que quase sempre ultrapassa a mera soma dos sentidos das palavras de partida, formando-se, no fundo, como que uma linguagem telegráfica, uma mini-mensagem em cada palavra.

Muitas vezes a amálgama resulta de uma fusão que não se efectua nem no final nem no início, mas no meio das palavras, acabando por se aproximar da inflexão<sup>4</sup>. No entanto, estes elementos não são afixos, tornando-se assim o novo vocábulo uma mistura perfeita dos dois que estiveram na sua origem, como acontece em *desqualquerficado* (desqualificado + qualquer), *iluminados* (iluminados + lua) ou *tresdoidados* (tresloucados + doidos).

Consideramos que a leitura se torna atractiva quando existe este recurso à amálgama, fenómeno também conhecido por “cruzamento, blending ou contaminação”. Graça Rio-Torto refere que estes casos são mais comuns e atestados no Português do Brasil, mas também no “Português Europeu estas construções existem e correspondem a formações expressivas, lúdicas ou jocosas e não raro efêmeras”. Com curiosidade constatámos que Graça Rio-Torto alude à escrita miacoutiana como exemplo eficaz destas transformações da língua: “Este processo tem igualmente sido revitalizado por Mia Couto, conhecido escritor moçambicano que, com notável originalidade e sentido estético explora vias de produção sígnica potenciadas pelo sistema da língua” (Rio-Torto, 1994: 96).

Além desta possibilidade de análise, pareceu-nos pertinente a identificação da classe gramatical das palavras que são usadas neste processo genolexical e, de forma paralela, evidenciar qual ou quais as classes gramaticais preponderantes nos vocábulos criados. Temos então que, no total das amálgamas recolhidas nas obras em análise, 18,4% são verbos, 33,0% pertencem à classe dos substantivos e quase metade dos exemplos (48,6%) são adjectivos (ver figura 1).

---

<sup>4</sup> Segundo Graça Rio-Torto, “em português não se regista formação de palavras por inflexão, entendida como intercalação de um afixo no interior da estrutura de base. Aquando da sequência de dois afixos trata-se de recursividade isofuncional (casotita ...) ou de sucessividade heterofuncional (aldrabãozinho ...), pressupondo-se portanto a sucessão de pelo menos duas operações derivacionais consecutivas” (1998).

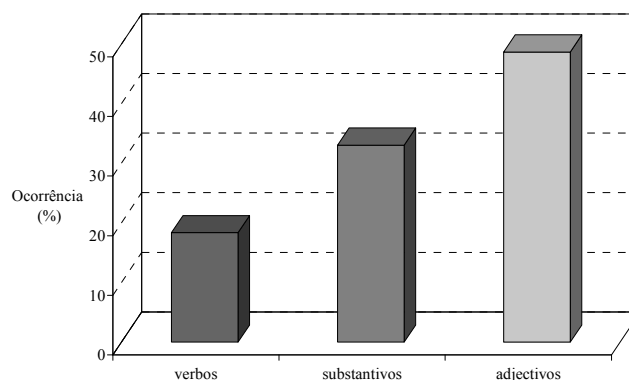


Figura 1 – Percentagem de ocorrências de verbos, substantivos e adjectivos formadas pelo processo de amálgama.

Independentemente da classe gramatical, as amálgamas de Mia Couto têm a capacidade de exprimir vários sentimentos, atitudes, características, estados de espírito e sentidos de uma só vez, ou seja, são vocábulos que assumem uma enorme capacidade descritiva e de condensação de ideias. De outra forma, não seria possível ao autor dar-nos a conhecer a essência do povo moçambicano numa profundidade que é difícil de exprimir em palavras e que, ainda assim, Mia Couto consegue, através do seu modo de escrita, fazer perpassar. E consegue-o não só pelas palavras que “inova”, (re)cria ou (brin)cria mas, também, em tudo o que descreve e que é natural, humano e inerente ao povo do qual ele faz parte, quase que pintando à frente do leitor as vivências e preocupações de uma cultura e identidade muito particular. Na tabela 1, apresentamos a listagem destes vocábulos que poderíamos classificar como a grande marca da genialidade do escritor.

<i>abismaceira</i>	<i>barbalhudo</i>	<i>embevencida</i>	<i>magrizelento</i>	<i>resmunhado</i>
<i>administratriz</i>	<i>belzeburro</i>	<i>emoldourada</i>	<i>maísculino</i>	<i>rodamoinhando</i>
<i>agentamento</i>	<i>berrafustou</i>	<i>entretrançar</i>	<i>Marcelinda</i>	<i>rondopio</i>
<i>agradávida</i>	<i>brincriação</i>	<i>esbafurado</i>	<i>Marcelindo</i>	<i>salamoleques</i>
<i>Agualberto</i>	<i>brutamonstro</i>	<i>esbugolhavam</i>	<i>mautrapilho</i>	<i>satisfeição</i>
<i>aguarda-fatos</i>	<i>brutamontanhosa</i>	<i>escaniçada</i>	<i>mautrapilhoso</i>	<i>sonhãmbulo</i>
<i>alaguado</i>	<i>cabisburro</i>	<i>espapançudo</i>	<i>metrofone</i>	<i>submarinhos</i>
<i>aldrabom</i>	<i>cabritroteava</i>	<i>esparramorto</i>	<i>miaudível</i>	<i>Sulpício</i>
<i>amendoidos</i>	<i>calcorrendo</i>	<i>espatifurado</i>	<i>monteplicado</i>	<i>suspulou</i>
<i>amontanhada</i>	<i>canalista</i>	<i>estampifado</i>	<i>namordiscando</i>	<i>temedrosas</i>
<i>analfabestas</i>	<i>cancromida</i>	<i>estremexente</i>	<i>ocavidades</i>	<i>timiudinho</i>
<i>aparecível</i>	<i>chamarisco</i>	<i>estupefátuo</i>	<i>ondarilhando</i>	<i>Tiotanico</i>
<i>arfalhudo</i>	<i>chãopinhada</i>	<i>fiorrapo</i>	<i>palpebrejo</i>	<i>tiquetacteu</i>
<i>arpocalipse</i>	<i>cinquentena</i>	<i>fosfogénicos</i>	<i>passatemporário</i>	<i>transtorneada</i>
<i>arremassado</i>	<i>compaixonasse</i>	<i>fumejante</i>	<i>pedinchorão</i>	<i>tresdoitados</i>
<i>arrumário</i>	<i>confianço</i>	<i>gelatinhoso</i>	<i>pensageiro</i>	<i>tremeluzidia</i>
<i>atabaralhou</i>	<i>controversáteis</i>	<i>gentania</i>	<i>pirilampejos</i>	<i>tresandarilhou</i>
<i>atrapalhaço</i>	<i>crepintação</i>	<i>gostejei</i>	<i>precauteloso</i>	<i>tresloucura</i>
<i>atribulício</i>	<i>curvilindas</i>	<i>iluminados</i>	<i>predispronto</i>	<i>tristemunha</i>
<i>atopilada</i>	<i>dactilogravavam</i>	<i>inviés</i>	<i>propulsações</i>	<i>trombiralho</i>
<i>balbulício</i>	<i>dentrei</i>	<i>lacrimoça</i>	<i>quotidianos</i>	<i>vice-versátil</i>
<i>balbulir</i>	<i>desqualquerficado</i>	<i>lunático</i>	<i>Raimundano</i>	<i>vozeanária</i>
<i>baratonto</i>	<i>divorcidados</i>	<i>lusofolia</i>	<i>reiclinado</i>	<i>ziguezangado</i>

Tabela 1 – *Corpus* em análise

Ainda em relação à classe gramatical das amálgamas, verificámos que estas adquirem a classe gramatical da última palavra por que são compostas. Tomando como exemplo o caso de *arrumário*, em que os elementos constitutivos são o verbo arrumar e o substantivo comum armário, reparamos que a nova palavra que foi formada assume a categoria gramatical deste último elemento, formando-se assim um novo substantivo. O

mesmo acontece em variadíssimos exemplos: *cabritroteava*<sub>V</sub> (*cabrito*<sub>N</sub> + *trotear*<sub>V</sub>), *chamarisco*<sub>N</sub> (*chamariz*<sub>N</sub> + *isco*<sub>N</sub>), *compaixonas*<sub>V</sub> (*compaixão*<sub>N</sub> + *apaixonar*<sub>V</sub>), *fosfogénicos*<sub>Adj</sub> (*fósforo*<sub>N</sub> + *fotogénico*<sub>Adj</sub>).

Salientamos ainda que o paralelismo com as regras comuns da língua leva à formação de palavras cognatas e a repetição das mesmas palavras de umas obras para outras. No entanto, a este propósito, o autor referiu que, muitas vezes, para não repetir palavras, lê (apesar de também confessar que não é um dos seus leitores) as suas obras anteriores<sup>5</sup>, o que denota a preocupação em não se tornar repetitivo, mas também a de não querer perder a sua originalidade, defendendo as suas (brin)criações de uma eventual banalização.

Não deixa, no entanto, de ser curioso que, apesar desta preocupação pela não repetitividade vocabular no que respeita à inovação lexical, Mia Couto acaba por desenvolver este processo criativo através da formação de famílias de palavras. Como família de palavras, no âmbito das amálgamas, podemos citar *mautrapilho*, que é usado em *O Último Voo do Flamingo* e também em *Na Berma de Nenhuma Estrada*, que apresenta o seu derivado *mautrapilhoso*, na primeira obra mencionada<sup>6</sup>. As palavras cognatas podem-se encontrar também no que respeita a nomes próprios. Tal é o caso de *Marcelinda* e *Marcelindo* em *Na Berma de Nenhuma Estrada* e *Vinte e Zinco*, respectivamente.

Acabam também por formar uma família todas as criações vocabulares por amálgama que apresentam em comum um dos lexemas de partida. É o caso de *brutamontro* e *brutamontanhosa* (da família de *bruto*), *iluaminados* e *lunático* (cognatos de *lua*), *agentamento* e *gentania* (de *gente*), *belzeburro* e *cabisburro* (de *burro*).

A repetição de vocábulos, sem qualquer alteração, apesar de menos frequente, é também bastante evidente. Assim, *cabisburro* aparece em duas obras diferentes, bem como *belzeburro* ou *brutamontro*.

## 2.1. Os adjetivos

Verificamos na figura 1 que, pelo menos nas obras aqui analisadas, o processo da amálgama é mais produtivo no que concerne à formação de adjetivos. Trata-se de uma forma “brincriada” de economia linguística, nomeadamente na caracterização de pessoas, lugares e objectos.

Exemplificando, facilmente percebemos e imaginamos como será uma paisagem em que a pedra se encontra *amontanhada* (*montanha* + *amontoada*). Também se torna evidente porque é que Apolinário se envaidece de ser um *canalista* (*cano* + *analista*) pois, tal como um médico, ele analisa. Reparamos também na formação do adjetivo *aldrabom*, que agrega *aldrabão* e *bom*, ambos adjetivos, formando-se um novo, quase que como num jogo de palavras: um *aldrabom* é um bom *aldrabão*. Ainda na criação de adjetivos, é curiosa a (re)criação que Mia Couto faz em *brutamontro* (*brutamontes*<sub>Adj</sub> + *monstro*<sub>Adj</sub>), que encontramos em duas obras diferentes. Um outro exemplo é o do adjetivo *curvilindas*, referindo-se à formosura de uma mulher. Partindo da forma aglutinada *curvilíneas*, o autor caracteriza essas curvas como lindas e assim constrói *curvilindas* (*curvilíneas*<sub>Adj</sub> + *lindas*<sub>Adj</sub>): “figurinhas assim arredondosas curvilindas despertando febres”. Este modo de dizer muito, despertar vários sentidos e possibilitar

<sup>5</sup> Entrevista a Mia Couto por Ana Sousa Dias (*Por Outro Lado*, RTP2, 27-04-2002).

<sup>6</sup> Esta ligação entre o léxico de diferentes obras também acontece com verbos. Tal é o caso do verbo *derradeirar*, derivado por sufixação a partir de *derradeiro*, e que o autor emprega em duas obras distintas e conjugado em tempos diferentes.

ao leitor a construção daquilo que é descrito em poucas palavras, pode ainda ser demonstrado em vocábulos tão ricos e originais como *sonhâmbulo* (sonho + sonâmbulo), pessoa que anda durante o sonho; *tristemunha* (triste + testemunha), alguém que, embora não lhe agradando, é testemunha de algum acontecimento. Já o adjectivo *predispronto* (predispósito + pronto), indica que o personagem se encontra pronto e predisposto a assumir qualquer função ou acto. Do mesmo modo, o vocábulo *precauteloso* indica estar precavido e, simultaneamente, cauteloso; e as actividades descritas como *quotidárias* pertencem ao quotidiano e são diárias.

Pela sua particularidade e testemunho do profundo conhecimento gramatical e semântico do Português evidenciado pelo escritor, destacamos o adjectivo *lacrimoça*, “Primeiro se aproximou a viúva, ainda novinha, lacrimoça.” Identificamos as palavras que são aqui utilizadas, o substantivo lágrima e o adjectivo moça, que constituem o novo adjectivo. O que aqui ressalta é que o primeiro elemento, lágrima, se encontra na sua forma latina *lacrima*. Sem ter em conta a evolução fonética, neste caso a sonorização de [k] > [g], Mia Couto faz partir toda a formação deste novo adjectivo da mesma forma que se produz o adjectivo lacrimoso ou o verbo lacrimejar. A relação semântica é evidente. A *lacrimoça* é uma jovem que chora, alguém que está lacrimoso<sup>7</sup> e que chora muito. Assim, talvez a formação não espelhe a semântica do vocábulo em si (lágrima, gota de água), mas antes o sentido de chorar, de estar lacrimante.

Outro aspecto a salientar é a formação de adjectivos a partir de verbos que são, já eles, imaginados. Ao formar um novo verbo, é possível criar a sua forma nominal, o participio passado do verbo, como é processo comum. Nos casos concretos de criação em Mia Couto, o vocábulo que é nominalizado parte de uma outra formação, ou seja, ocorre uma amálgama entre um substantivo e um verbo. É do novo verbo, assim constituído, que a nova forma nominal é extraída: *monteplicado*<sub>Adj</sub> (*monte*<sub>N</sub> + *multiplicar*<sub>V</sub>); *transtorneada*<sub>Adj</sub> (*transtornar*<sub>V</sub> + *tornear*<sub>V</sub>); *reiclinado*<sub>Adj</sub> (*rei*<sub>N</sub> + *inclin*<sub>V</sub>).

## 2.2. Os substantivos

Tal como nos adjectivos, também as amálgamas formando substantivos apresentam uma grande condensação de sentido. O caso dos nomes próprios das personagens é interessante, uma vez que o simples facto de as nomear inclui um processo semântico de caracterização. É o caso do substantivo próprio *Aqualberto*, formado pela junção do substantivo comum água com o substantivo próprio Alberto. Resulta um novo nome próprio que, servindo para identificar o personagem, também o caracteriza. Sabemos que ele está ligado ao elemento água, uma vez que é pescador. O mesmo acontece com *Raimundano* em que a referência à principal característica do personagem está claramente explícita no nome, *Raimundo*<sub>N</sub> que é *mundano*<sub>Adj</sub>. Também se englobam aqui os casos de *Marcelinda* e *Marcelindo*, dos quais facilmente percebemos qual a característica física mais evidente. Os novos vocábulos podem também nomear e fazer uma alusão a determinado acontecimento da vida dos personagens. Tal é o caso de *Tiotanico*, numa alusão ao Titanic que naufragou, tal como a vida do tio Tiotanico: “Era um artista perdido, nem se dava que houvesse. A sua existência tinha naufragado em nenhuma. Tivesse, por isso, quase nome de navio – Tiotanico”<sup>8</sup>.

A criação dos nomes comuns não difere da que apresentámos em relação aos adjectivos. Exemplificando, tendo como base um substantivo comum no léxico

<sup>7</sup> Salientamos que as formas *lacrimoso*, *lacrimante* e *lacrimal* são evoluções eruditas, mas co-existem com as suas versões populares, *lagrimoso*, *lagrimante* e *lagrimal*, respectivamente (Dicionário Porto Editora, 8ª ed., 1998).

<sup>8</sup> Couto, Mia, *Na Berma de Nenhuma Estrada*, Editora Caminho, 2001, p.138.

português composto por justaposição, Mia Couto forma um outro por amálgama: *aguarda-fatos* (aguardar + guarda-fatos). A complexidade semântica ultrapassa a morfológica, já que somos levados à ideia, quase personificante, do guarda-fatos que aguarda passivamente que o utilizem.

### 2.3. Os verbos

O poder expressivo dos verbos criados em Mia Couto não fica atrás das classes referidas nos pontos anteriores. Vejamos alguns exemplos.

Há casos em que a condensação de sentidos no novo verbo se torna pleonástica. Um exemplo que é, em Português, tantas vezes usado pleonasticamente, “entrar para dentro”, é resolvido pelo autor, na amálgama *dentrar*, com o sentido de pôr para dentro: “Cuidado, já dentrei o menino no sapato”.

Outros verbos recriados conseguem quase que transmitir som, partindo de onomatopeias, como é o caso de *tiquetacteou*, em que o movimento e o som por ele produzidos se encontram explícitos num único verbo.

Embora não se aproximando deste caso onomatopaico, salientamos também o potencial expressivo do hipotético verbo *suspular*, encontrado em *Na Berma de Nenhuma Estrada*. Conjugado no pretérito perfeito, *suspulou* realiza a ideia de uma acção que provocou determinada reacção, um susto que faz alguém pular. *Cabritroteava*, é igualmente um bom exemplo, pois facilmente imaginamos um cabrito a correr e a imagem que se pretende transmitir é essa mesma, a liberdade de correr, de saltar: “saltitava, cabritroteava”.

### 2.4. Aspectos particulares

Todos os exemplos de amálgama em Mia Couto, independentemente da sua classe gramatical apresentam algumas particularidades linguísticas identificáveis.

Uma característica curiosa é a forma como alguns vocábulos são facilmente perceptíveis, fazendo lembrar outras palavras com as quais estabelecem uma analogia. *Cinquentena*, será o equivalente a estar de quarentena, mas durante cinquenta dias; “um jogo *passatemporário*” será, na verdade, uma forma passageira de passar o tempo (aliás é essa a função de um passatempo); calcorreando poderá ser considerado um sinónimo de um novo verbo, formado da amálgama entre o verbo calcar e correr: *calcorrendo*. No entanto, conseguimos sentir no novo verbo uma ideia de rapidez, de maior movimento do que em calcorrear, o que se deve à acção inerente ao segundo verbo que constitui o novo vocábulo. Ainda nestes casos de analogia, podemos referir o adjectivo *vozeanária*. Se o homem pode ser considerado visionário porque a partir de alguns dados que conhece consegue imaginar o que se vai passar a seguir, ser *vozeanária* indicará a que consegue idealizar um acontecimento próximo através de vozes que se ouvem.

Além do aspecto da analogia, destacaremos o da redundância. Tal é o caso de *chamarisco*, pois a função do isco é, precisamente, chamar a atenção, servir de chamariz. A palavra *vice-versátil*, nos elementos que em si combina (vice-versa + versátil), também pode ser considerada uma forma pleonástica de dizer que alguma coisa pode mudar. O adjectivo *tresdoidados*, assume também esta ideia de repetição, uma vez que usamos o adjectivo tresloucado para alguém caracterizar um indivíduo que é doido, e vice-versa. O mesmo carácter redundante está presente na junção de redemoinhar + roda > *rodamoinhar*, em que a ideia de andar de roda, se repete tanto numa como noutra das palavras unidas.

### 3. AMÁLGAMA MORFOLÓGICA E MESCLAGEM METAFÓRICA

Em certos casos, as amálgamas morfológicas concentram dentro de si verdadeiras mesclagens cognitivas (no sentido de Fauconnier & Turner 1994) de tipo metafórico, em que os espaços de entrada para a construção da figura, os domínios fonte e alvo (tal como definidos por Lakoff & Johnson 1980) podem corresponder a cada um dos componentes da amálgama morfológica. Assim, diversas combinações se tornam possíveis e todas elas podemos encontrar em Mia Couto. Exemplifiquemos.

Uma primeira possibilidade é quando os dois elementos da amálgama morfológica são passíveis de uma leitura figurada, pertencendo, portanto, ambos a domínios fonte de linguagem metafórica. É o caso de “meu grande *belzeburro*”, em que o insulto sai reforçado pela dupla linguagem metafórica (*belzebu* + *burro*, ambos em sentido metafórico).

Mais frequentes são os casos em que apenas um dos elementos é entendido metaforicamente, pertencendo o outro ao domínio alvo da figura. É o que acontece nos vocábulos *cancromida* ou *gentania*. No primeiro caso, o formante comida, participio passado do verbo comer, remeterá em sentido figurado para a degradação física da personagem vítima da doença literalmente expressa pelo primeiro formante. No segundo exemplo, percebemos a junção de gente + ventania, em que o barulho provocado pelas conversas e movimento das pessoas é metaforicamente comparado ao barulho do vento, à ventania. Veja-se também o caso de *escaniçada*, em que se aglutinam o adjetivo esganiçada e o substantivo cana e assim se substitui toda a expressão “voz de cana rachada”.

Uma terceira possibilidade verifica-se quando um dos elementos da amálgama é entendido em sentido metafórico e o outro, não constituindo metáfora, requer, no entanto, uma leitura figurada. É o caso de olhos *amendoídos*, em que o primeiro formante remete metaforicamente para a forma dos olhos (de amêndoa) e o segundo (doídos) remete, por hipálage, para o estado de espírito da personagem.

Em todos estes, e noutros exemplos da tabela 1, sempre que encontramos a presença de expressão metafórica dentro destes vocábulos, podemos afirmar que neles Mia Couto produz uma dupla fusão: uma fusão a nível formal ao juntar dois radicais lexicais numa mesma palavra e uma fusão semântica riquíssima, uma vez que, além dos sentidos que cada um dos vocábulos amalgamados transporta, se juntam todos os sentidos metafóricos transportados pelo confronto contextual.

### 4. CONCLUSÃO

Concluimos que, apesar da amálgama não ser considerada um processo clássico de formação de palavras (como a composição e a derivação) e de não ser um fenómeno recorrente na Língua Portuguesa, ele encontra em Mia Couto grande vitalidade e demonstra ser um processo bastante produtivo, para além de inovador.

Salientamos ainda que em alguns vocábulos formados por amálgama se torna difícil explicar a totalidade/essência do seu conteúdo, dada a sua enorme capacidade descritiva e de condensação de ideias. Para além deste aspecto, é nas amálgamas que a criatividade genolexical melhor se manifesta e onde mais se evidencia mais o sentido



estético do autor. O leitor pode assim, não só disfrutar da história, como também envolver-se num processo lúdico de desmontagem desses novos vocábulos.

A riqueza e a curiosidade que despertam as amálgamas é tanta, que se torna quase fundamental analisar, minuciosamente, palavra por palavra, percebendo qual o seu significado e o modo como os elementos que as constituem foram concatenados e são alterados no seu sentido intrínseco, ou seja, no significado que têm quando entendidos isoladamente. Não será difícil imaginar que algumas palavras, nos dias de hoje, se conhecidas e divulgadas, facilmente entrariam no léxico da Língua Portuguesa. Isto porque, cada vez mais, tentamos dizer muito de forma breve e clara (pensemos, por exemplo, nas mensagens de telemóvel), é muita a informação que nos chega e que a todo o momento queremos fazer passar. Ao condensar ideias e sentidos em palavras amalgamadas seria muitas vezes mais fácil expressar os nossos sentimentos, ideias e objetivos. É precisamente procurando todo um potencial expressivo que Mia Couto recorre a este processo de formação de palavras que, parecendo uma brincadeira, implica um grande rigor e conhecimento das regras de funcionamento da língua. Não nos parece estranho, portanto, que haja dificuldade e que talvez muita desta riqueza vocabular se perca nas traduções que são feitas das obras deste autor.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVACAS, Fernanda (1999): *Mia Couto: Brinciação Vocabular*. Lisboa: Mar Além e Instituto Camões.
- COUTO, Mia (1999): *Vinte e Zinco*. Lisboa: Editora Caminho.
- COUTO, Mia (2000): *O Último Voo do Flamingo*. Lisboa: Editora Caminho, 2ªed.
- COUTO, Mia (2000): *Mar me quer*. Lisboa: Editora Caminho, 2ªed.
- COUTO, Mia (2001): *Na Berma de Nenhuma Estrada*. Lisboa: Editora Caminho.
- FAUCONNIER, Gilles & Mark TURNER (1994): "Conceptual Projection and Middle Spaces". *Cognitive Science Technical Report*, 94/01.
- GASPAR, Ana B.; Ana Lúcia SANTOS & Carla Ivone DIOGO (1994): "Inovação lexical nos textos de Mia Couto". *R.I.L.P.*, 12. 58-63.
- LAKOFF, George & Mark JOHNSON (1980): *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira, et al. (1990): *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- NUNES, Ana Margarida Belém (2002): *A Linguagem MiaCoutiana de Mar me quer a Na berma de nenhuma Estrada: Um Estudo da Morfologia e Semântica* (dissertação de mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998): *Morfologia Derivacional, Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.